A Criatura Que Reinava na Terra Antes de Deus Criar a Luz

Fontes e Referências

Mistérios da Bíblia
Documento de apoio bibliográfico

Nota sobre as fontes

Este documento reúne as fontes que sustentam o roteiro, organizadas por camada de autoridade. A distinção é deliberada: o texto canônico das Escrituras não tem o mesmo peso que a literatura do Segundo Templo fora do cânon, que por sua vez difere da tradição rabínica, da especulação cabalística e das interpretações de época moderna. O roteiro sinaliza essas diferenças em sua própria narração; esta bibliografia as torna explícitas para consulta.

I. Texto bíblico canônico

Gênesis 1,1–5. Relato da criação: o estado inicial da terra (*tohu va-bohu*), as trevas sobre a face do abismo (*tehom*), o Espírito que paira sobre as águas e o decreto da luz.

Gênesis 36,31–39. Lista dos reis de Edom “que reinaram antes que reinasse rei algum sobre os filhos de Israel”; base textual para a leitura mística dos mundos anteriores.

Ezequiel 28,11–19. Lamento sobre o rei de Tiro: o “selo da perfeição”, o querubim ungido no Éden e no monte santo, e a iniquidade que provoca a queda.

Isaías 14,12–15. Cântico de escárnio contra o rei da Babilônia: *Heylel ben Shachar* (“estrela da manhã, filho da alva”), as cinco afirmações de soberba e a precipitação ao abismo.

Jeremias 4,23–26. Visão da terra “sem forma e vazia” (*tohu va-bohu*) e dos céus sem luz; eco vocabular do segundo versículo do Gênesis.

Isaías 45,18. Declaração de que Deus não criou a terra para ser caos, mas para ser habitada; tensão que alimenta a leitura do “intervalo”.

Salmo 74,12–17. A criação descrita como combate: divisão do mar, esmagamento das cabeças do Leviatã.

Salmo 89,9–10. O abater de Raabe, personificação do mar revolto.

Isaías 51,9–10. Invocação do braço do Senhor que cortou Raabe e feriu o dragão, e secou as águas do grande abismo.

Jó 41. Descrição do Leviatã, criatura indomável das águas.

Isaías 34,14. Criatura noturna em meio à desolação; base textual da figura posteriormente desenvolvida pela tradição.

Apocalipse 12,9. Identificação da “antiga serpente” como o dragão, o Diabo e Satanás; ponte interpretativa entre o dragão primordial e o adversário.

II. Literatura do Segundo Templo (extracanônica)

1 Enoque 60,7–10. Separação dos dois monstros primordiais: o Leviatã (fêmea) nas profundezas do mar e o Beemote (macho) no deserto.

2 Baruque 29,4. Beemote e Leviatã reservados desde a criação para a consumação dos tempos.

4 Esdras (2 Esdras) 6,49–52. Relato da formação e separação dos dois grandes monstros no princípio.

III. Tradição rabínica

Bereshit Rabá 3,7 e 9,2. Ensinamento de que Deus criou mundos e os destruiu antes de fixar este; “construía e demolia”.

Tradição da Or ha-Ganuz (luz oculta). A luz primordial do primeiro dia, anterior ao sol, guardada para os justos (cf. Hagigá 12a; Bereshit Rabá 11,2).

IV. Tradição cabalística

Olam ha-Tohu (Mundo do Caos) e Shevirat ha-Kelim (Quebra dos Vasos). Doutrina luriânica da ruptura dos vasos primordiais incapazes de conter a luz divina.

Os “reis de Edom” como cifra do mundo do Tohu. Leitura, na escola de Safed em torno de Isaac Luria, de Gênesis 36 como alegoria dos mundos anteriores que reinaram e pereceram (cf. *Etz Chaim*).

V. Interpretação de época moderna

Teoria do intervalo (gap theory). Leitura que situa entre Gênesis 1,1 e 1,3 uma era e uma catástrofe anteriores; difundida por comentadores dos séculos XIX e XX. Sinalizada no roteiro como interpretação, não como afirmação literal do texto.

Contexto comparado do antigo Oriente Próximo. Observações de estudiosos sobre a ressonância entre *tehom* e os motivos das águas primordiais do caos em tradições vizinhas; tratado no roteiro como eco cultural, não como dependência textual.

Observação metodológica: ao longo do roteiro, a narração mantém a distinção entre o que a Escritura declara, o que a tradição interpreta e o que a lenda popular acrescentou, evitando atribuir ao texto canônico afirmações que pertencem a camadas posteriores.